



# Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira  
(Organizadora)

**Denise Pereira**

(Organizadora)

# Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-455-9 DOI 10.22533/at.ed.559190507  1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.  CDD 370
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS Wagner Lucas Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA Reginaldo José da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822) Leandro Silva de Paula	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>131</b>
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985) Flávio William Brito Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892 Danilo Arnaldo Briskievicz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA Alex Faverzani da Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>172</b>
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO Carlos Alberto Machado Noronha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>199</b>
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>221</b>
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>238</b>
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>248</b>
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>259</b>
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050724</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>269</b>
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>281</b>
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>290</b>
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>301</b>
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050728</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>316</b>
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050729</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>329</b>
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050730</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>340</b>
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050731</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>352</b>
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050732</b>	

**CAPÍTULO 33 ..... 363**

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.55919050733**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 372**

## ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**Priscila Lopes d’Avila Borges**

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ.

**RESUMO:** Este artigo se propõe a examinar o Ensino de História em espaços educativos não formais, especificamente museus, privilegiando a atuação dos mediadores que trabalham como facilitadores do acesso democrático as exposições. Neste sentido, será apresentado um estudo de caso da exposição permanente do Palácio Tiradentes, intitulada: “Palácio Tiradentes: Lugar de Memória do Parlamento Brasileiro”, para averiguação do impacto do ensino de história em museus, tanto sobre o público escolar quanto sobre os mediadores oriundos do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de história; Mediação; Palácio Tiradentes; Museus.

### TEACHING OF HISTORY IN MUSEUMS: THE EXPERIENCE OF MEDIATION IN TEACHER TRAINING

**ABSTRACT:** This article proposes to examine the history teaching in non-formal educational spaces, specifically museums, privileging the performance of mediators who works as

facilitators of democratic access to exhibitions. In this context, a case study of the permanent exhibition of Tiradentes Palace, titled: “Palácio Tiradentes: Lugar de Memória do Parlamento Brasileiro”, will be presented to investigate the impact of the history teaching in museums on school students and on the mediators from the History course of the Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**KEYWORDS:** History teaching; Mediation; Tiradentes Palace; Museums.

### 1 | INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o número de pesquisas que analisam a educação em museus teve um significativo crescimento, e o surgimento de projetos pedagógicos museais voltados para o público escolar também ganhou um novo fôlego. Os novos contornos da educação museal, fortalecida por políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de competências educativas, estimula o uso desses espaços para o ensino de história e para formação cidadã. Espaços onde ocorre o movimento de tensão entre conhecimento e reconhecimento, a partir da interação entre a memória pessoal, local e coletiva, construindo uma teia de saberes, que tornam os museus locais complexos e multifacetados. Um olhar

mais atento às potências do museu, supera a ideia, comumente empregada, do museu como lugar de velharias, simples receptor de curiosos andarilhos, que buscam pistas do próprio passado com saudosismo, dando lugar à compreensão do museu como ambiente dinamizador de memórias, local propício ao conhecimento e aprendizagem (CAETANO, 2012).

Os museus históricos foram, por muito tempo, utilizados como espécies de teatros de memória, onde os objetos, a arquitetura e as imagens se articulavam para garantir a memorização e absorção de fatos. Meneses (2010, p.51) defende que o museu de história deveria ser “em vez de teatro, laboratório, com tudo aquilo de criador que essa ideia contém”, sendo assim, a memória deixaria de ser tratada como objetivo e passaria a ser um objeto para o visitante. No interior de uma exposição, o professor deve salientar que a história narrada não é uma absoluta expressão da verdade, destacando que tanto para história, quanto para memória, não existem verdades absolutas. A ideia de uma história totalizante deve ser rejeitada, uma vez que nem a memória, nem a história são totais, algo sempre escapa à memória e à história, seja pela escolha, pela ausência de vestígios, pelo olhar ou pela voz que as transmite. Ambas são constantemente tensionadas entre a lembrança e o esquecimento (NORA, 1984).

A narrativa museal deve ser criticada ao longo de uma visita escolar, os professores e/ou mediadores devem problematizar a construção desta narrativa, enfatizando que ela é fruto de uma seleção, isto é, que ela pressupõe a disputa entre memória e esquecimento e, que os objetos apresentados no museu podem ter a intenção de contar apenas uma história. Conforme o exposto, a seguir, por Larissa Salgado Chicareli (2014, p.88), a compreensão das narrativas museais é fundamental.

(...) reflexões e questionamentos sobre as narrativas são muito relevantes, pois, como implicam visões, memórias, objetos, entre outros, podemos levantar perguntas e hipóteses, buscando analisar qual narrativa está presente nesse espaço, quem está sendo representado, por que esse objeto está aqui e não em outro local, de modo a levar o estudante a se socializar e buscar inquietações para responder a tais levantamentos. Esse espaço é então pensado realmente como potencial de ensino/aprendizagem, e não como mera ilustração da verdade pronta e acabada ou a ilustração da realidade.

A diversidade de narrativas pode ser um bom disparador, para a problematização útil ao ensino de história. Como mediador, o professor de história pode auxiliar seu aluno no processo de compreensão e valorização da diversidade de abordagens e enfoques, presentes em uma exposição. Esse exercício do olhar, corrobora na atuação do aluno como integrante do processo de fazer histórico, instrumentalizando sua trajetória e autopercepção, enquanto sujeito histórico.

Os objetos que compõem a narrativa museal são ressignificados pela instituição, perdem seu valor de uso e incorporam um valor simbólico, reiterado pelos objetos que o cercam e pelo ambiente expográfico. Torna-se fundamental, nesse sentido, que

os alunos compreendam que artefato não “fala por si”, e que tudo, o visto e o não visto deve ser problematizado para construção do conhecimento. Portanto, a visita ao museu pode contribuir com o aprendizado de conteúdos históricos, não só por representar imagetivamente o que é abordado em sala de aula, mas também por propiciar um espaço fértil de debate e exercício da capacidade crítica dos discentes.

No presente trabalho, abordaremos o estudo de caso do Palácio Tiradentes, centro cultural, localizado no Rio de Janeiro, que coabita a estrutura física da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. O edifício, construído para abrigar o Congresso Nacional em 1926, remonta ao processo de sedimentação da memória republicana no Brasil. Projetado por Archimedes Memória e Francisco Couchet, a estrutura é marcada pelo estilo eclético, com referências simbólicas ao governo republicano, como, por exemplo: o uso da figura de *Marriene*, entalhes de folhas de café, esculturas de urnas e elementos que remetem a ideia de democracia, além do próprio nome escolhido, uma menção ao herói concebido pelos republicanos – Tiradentes.

O Palácio Tiradentes foi construído no terreno da antiga Casa de Câmara e Cadeia, conhecida como Cadeia Velha, localizada na Praça XV. A região era uma metáfora para o desgaste da Colônia e do Império, sendo, por isso, suplementada pelo novo Congresso Nacional. A alusão à figura de Tiradentes encarna as aspirações republicanas, servindo de referência pra construção de uma memória coletiva. O misticismo que envolveu a história de Joaquim José da Silva Xavier foi elaborado pelos republicanos, criando a identificação do membro da Inconfidência Mineira com um mártir identificado como *Cristo*. Segundo José Murilo de Carvalho (2013, p. 68).

O patriota virou místico. (...) Assumiu explicitamente a figura de mártir, identificou-se abertamente com Cristo. O cerimonial de enforcamento, o cadafalso, a força erguida à altura incomum, os soldados em volta, a multidão expectante – tudo contribuía para aproximar os dois eventos e as duas figuras, a crucificação e o enforcamento, Cristo e Tiradentes. O fato de não ter a conjuração passado a ação concreta poupou-lhe ter derramado sangue. (...) Tiradentes era “o mártir ideal e imaculado na brancura de sua túnica de condenado.

A Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro incorporou o status de centro cultural em 1998, quando foi organizada a exposição permanente “Palácio Tiradentes: Lugar de Memória do Parlamento Brasileiro”, onde o público pode acompanhar alguns acontecimentos que marcaram a história da política nacional. Como qualquer exposição, a narrativa apresentada no Palácio Tiradentes é composta por seleções de memórias, destacadas como legítimas e gloriosas, e esquecimentos, tidos como momentos que devem ser silenciados.

A organização da exposição, feita, prioritariamente, através de painéis, enfatiza a história política brasileira, contata pelos marcos legislativos, ou seja, as Constituições. O visitante, em geral, realiza um percurso que se divide em três corredores, localizados no andar térreo, onde encontra imagens e textos sobre D. Pedro II, Marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, entre outros,

relacionados com a geração e perpetuação de paradigmas governamentais, fazendo recortes destinados ao Império e a República. No segundo piso, a exposição se concretiza pela arquitetura do edifício, especialmente, no Salão Nobre e no Plenário Legislativo.

Durante mais de quinze anos, a exposição do Palácio Tiradentes recebeu o público espontâneo e escolar, com a mediação de alunos da graduação em História ou Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O convênio com a UERJ garantia uma mão de obra qualificada para o centro cultural e, oferecia uma oportunidade de estágio educativo para os graduandos. Anualmente eram selecionados vinte estagiários, para atuação como mediadores culturais. Desde 2017, o vínculo entre a ALERJ e a UERJ foi rompido, sendo substituído em 2018 por bolsas de outras modalidades, que abrangiam um espectro mais amplo de universidades, no Rio de Janeiro. Tendo em vista que este trabalho é um estudo de caso, o impacto do estágio em mediação cultural que será exposto ficará circunscrito aos alunos oriundos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## **2 | FORMAÇÃO DE PROFESSORES E MEDIAÇÃO CULTURAL: UM CAMPO DE INTERLOCUÇÃO**

O trabalho do mediador realizado enquanto prática de estágio docente é fundamental, por permitir a união da teoria e prática, fornecendo ao estudante de licenciatura a oportunidade de desenvolver habilidades no uso de espaços não formais, aproximando o graduando de um dos lócus da sua atuação. Felício e Oliveira (2008, p. 221) indicam que “a formação docente não se constrói apenas por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas por meio de um trabalho de reflexão crítica”, logo através de novos campos de prática profissional o estudante pode ampliar seus horizontes, expandir suas opções metodológicas, e desfrutar do híbrido de teoria, prática, observação, orientação e aprendizado proporcionados pelo ambiente do estágio supervisionado.

Para os estagiários, que atuam como mediadores, a experiência é uma chance de exercício da docência e do contato com públicos diversificados, que ampliam a formação destes estudantes permitindo que os mesmos desenvolvam no futuro práticas capazes de articular saberes entre o espaço escolar e os espaços não formais de educação na atuação docente. O estágio em museus é aqui entendido, portanto, como uma oportunidade de potencializar a atuação docente, contribuindo para formação de profissionais atentos a polifonia presente no Ensino de História.

Efetivamente, no ofício do professor um saber específico é constituído, e a ação docente não se identifica apenas com a de um técnico ou de um reproduzidor de um saber produzido externamente. (...) os professores mobilizam em seu ofício os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes da formação profissional e os saberes da experiência. A pluralidade desses saberes corresponde

a um trabalho profissional que se define como saber docente. (BITTENCOURT, 2011, p.50-51).

Na realização da presente pesquisa, foram entrevistados vinte antigos mediadores da Exposição Permanente do Palácio Tiradentes. Entre os mesmos, foi unânime que a experiência em mediação cultural foi transformadora em suas formações, tanto profissionais, quanto como sujeitos, tendo em vista o contato com diferentes públicos e o exercício da análise crítica constante. Uma das entrevistadas, que hoje trabalha como professora em uma escola privada no segundo segmento, relatou que:

“Antes de trabalhar na ALERJ eu era travada para falar em público, depois da experiência eu reuni a didática, os conhecimentos da faculdade e os que adquiri no meu tempo na exposição, lá eu tinha que falar com públicos diferentes duas vezes por semana, (...) quando dei minha primeira aula o nervosismo que eu podia sentir diminuiu muito”.

Esta entrevistada trabalha hoje como docente e com mediação cultural, já tendo atuado em outros espaços culturais, na cidade do Rio de Janeiro. Em outro depoimento, foi relatado que “ sempre me perguntavam se eu não ficava entediado por fazer a mesma visita várias vezes, eu sempre dizia que não, porque cada grupo transformava a visita em uma experiência única e acrescentava na minha formação”. Neste último caso, o interesse pela área de mediação foi tão grande que o antigo estagiário optou por realizar uma pós-graduação em museologia, e trabalha no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro.

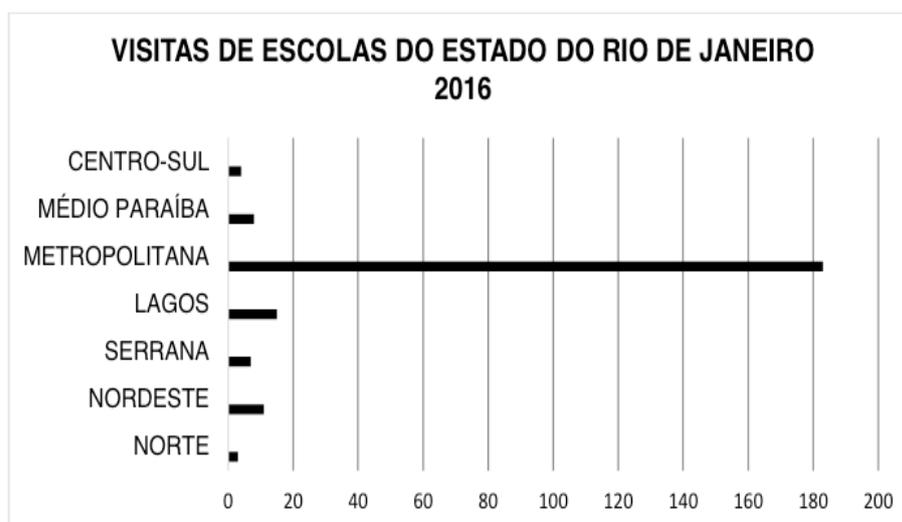
Outro dado relevante é a formação dos estagiários para função de mediadores. Pelos depoimentos coletados e pesquisas realizadas no campo da formação de educadores museais, pode-se concluir que os mediadores se formam por meio da observação do trabalho de outros educadores mais antigos, pesquisas pessoais e materiais produzidos pelos museus. No caso do Palácio Tiradentes, ocorreu uma preparação de aproximadamente um mês, na qual os estagiários observaram os colegas mais experientes e, posteriormente, começaram a atuar recebendo grupos. A utilidade mais citada nas entrevistas para formação acadêmica foi meramente conteudista, sem relatos de impacto metodológico para educação museal, todavia, a maioria dos entrevistados relatou que no fim da graduação realizaram uma disciplina chamada Estágio Supervisionado II, na qual as atividades feitas por professores em museus eram discutidas e, que esses conhecimentos lembravam suas práticas de estágio.

Durante a pesquisa, a exposição recebia até três grupos escolares de quarenta e quatro alunos por dia, além de estar aberta à visita para outros públicos. A equipe de estagiários era composta por estudantes que falavam fluentemente inglês, espanhol e/ou francês, atendendo aos visitantes estrangeiros, entretanto o grande diferencial do centro cultural era a oferta de ônibus e lanches para alunos da rede pública estadual.

A viabilização do acesso dos estudantes ao Palácio Tiradentes é uma vitória, contudo, insuficiente, porque “não basta apenas garantir a democratização do acesso aos museus brasileiros para assegurar o processo de aprendizagem. É preciso formar leitores críticos aptos à função, à compreensão de mensagens, à desconstrução de discursos” (COSTA, 2009, p. 10). A verdadeira democratização dos bens culturais depende da compreensão da linguagem patrimonial, por parte dos visitantes e/ou estudantes. A formação de um público, depende da instrumentalização dos visitantes, para que possam estar aptos a leitura do ambiente, sem ingenuidade.

Uma das ações possíveis para viabilizar a paulatina democratização dos museus é a mediação, não no sentido de transmissão de saberes, onde o aluno é mero receptor de conteúdos expostos, mas como um caminho onde as atividades museais têm por objetivo o diálogo, ou seja, estabelecendo uma via de mão dupla entre o mediador e o público, com uma abordagem provocativa.

No ano de 2016, a Exposição Permanente recebeu o total de 27.332 visitantes espontâneos e escolares, dos quais 18.357 optaram por conhecer as dependências do Palácio por meio de visitas mediadas. O número total de escolas foi inferior, se comparado a outros anos, devido a diversos fatores, especialmente, ao fechamento do Palácio Tiradentes ao público em geral, a partir do início do mês de novembro. Além disso, ocorreu uma greve dos professores da rede pública de Ensino Estadual e os Jogos Olímpicos, que desviaram o foco dos turistas e cidadãos cariocas para os diversos eventos e demais atividades culturais. No total, 235 escolas de todo Estado visitaram a exposição, distribuídas como veremos a seguir:



Dados fornecidos pelo Departamento Cultural da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ, 2017).

Conforme exposto anteriormente, a mediação cultural se dá através do diálogo constante com os alunos. Ocorre a análise de charges, fotos e maquetes, aliada ao conhecimento dos mediadores sobre elementos que não compõem a exposição, como curiosidades sobre a cultura e sociedade brasileira dando tom à visita mediada. Cabe

aos mediadores, ou aos professores, salientar os aspectos silenciados pela exposição, destacando o papel de índios, negros e pobres na história do Brasil, em especial, sublinhando como esses sujeitos sofrem processos de apagamento no campo do desenvolvimento da política nacional. Outro aspecto pertinente é o silenciamento diante dos anos da Ditadura Militar Brasileira, representada imagetivamente por uma imagem da Passeata dos 100 mil.



Imagem cedida pelo Setor Educativo do Palácio Tiradentes (ALERJ, 2011)

A segunda etapa do trajeto lança um olhar sobre a arquitetura e símbolos do Salão Nobre da casa, onde diversas questões ressurgem por meio de esculturas, pinturas e mobiliário. Os ares da Primeira República são sensíveis ao olhar do visitante e o interesse dos alunos é aguçado pelas falas do mediador. O ápice da exposição, segundo os mediadores entrevistados, ocorre no plenário do Palácio Tiradentes. A visão do espaço em si é um deleite para o observador, mas o protagonismo deste espaço está muito aquém do que ele proporciona esteticamente. Durante a visita são inseridos momentos de relaxamento, nos quais os alunos podem circular livremente, apropriando-se dos conteúdos expressos sem a interferência do professor ou do mediador. Esses intervalos são importantes para que os alunos troquem impressões entre si e tornem-se sujeitos de sua própria aprendizagem, no plenário ocorre a maior lacuna dedicada a investigação não mediada. Os alunos sentam-se na galeria central, de onde podem contemplar todo o espaço, o mediador inicia uma conversa sobre política brasileira e o papel dos alunos enquanto sujeitos políticos. São discutidos os conceitos de cidadania, democracia e a importância do poder Legislativo, realizando um debate in loco a respeito da relevância de uma participação dos sujeitos, através do voto e da fiscalização do trabalho dos políticos.

A mediação realizada na exposição permanente viabiliza, inúmeras vezes, o

primeiro contato dos estudantes com seus direitos políticos, e por meio do diálogo presta-se a formação de cidadãos. Os mediadores que atuam na exposição podem contribuir com o ensino de história integrando o quadro de conceitos e análises abordados na escola e, conseqüentemente, cooperando na formação de sujeitos conscientes de seu papel sócio histórico. Na exposição os alunos entram em contato com a transformação e conservação de uma série de práticas políticas no cenário brasileiro, sendo incentivados a questionarem este estado de coisas e seu papel enquanto sujeitos.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O museu é um recurso didático de imenso potencial, que pode servir para discutir conteúdos aprendidos em sala de aula, debates e reflexões. Sem dúvidas, centros culturais e museus são úteis para formação cidadã, podendo atuar também na formação dos profissionais, que estagiam em seus setores educativos, uma vez que oferecem a oportunidade de prática pedagógica e da interlocução com outro campo de produção de conhecimento, facilitando a atividade futura dos docentes. Portanto, por excelência pode-se afirmar que o museu é uma casa de saberes, aprendidos pela narrativa, problematização e trocas de experiências. No caso específico do Palácio Tiradentes, o público é beneficiado por visitar um espaço de memória, onde a história política do Estado do Rio de Janeiro ainda é escrita. Um lugar de memória do poder, que testemunhou a política no passado e, onde se faz política no presente.

Do ponto de vista formativo, trabalhar em um centro cultural proporciona ao docente a oportunidade de dialogar com mais fluidez com os saberes históricos patrimonializados. Um dos grandes desafios da educação patrimonial, museal e escolar é o estabelecimento de uma rede formativa capaz de reconhecer o valor em cada um desses saberes, sem a pretensão de hierarquiza-los. O trabalho do professor pode garantir um maior aproveitamento nas visitas à museus, superando o uso ilustrativo dos espaços. Os objetos e saberes promovidos no ambiente museal, podem munir o professor, instrumentalizando seu trabalho no ensino-aprendizagem.

Segundo Gregório Barenblitt (1992, p.38), “não existe uma História, uma História que seja como uma espécie de mangueira, de modo que totalize todo o devir da vida social em um espaço e em um tempo só”; (...) existem “histórias” – multiplicidades econômicas, culturais, ideológicas, do desejo e da afetividade. Alunos e professores, público e mediadores, devem entender que o museu histórico é o lugar da narrativa seletiva, reconhecendo seu direito de elaborar novas narrativas. A sedimentação temporal e imaginativa dos espaços de memória não deve engessar o exercício crítico, mas sim, estimular os sujeitos a serem leitores e narradores, dos saberes históricos e museais.

## REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Belo Horizonte: Editora Record, 1992.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CAETANO, José Carlos Gonçalves. **O museu histórico como um espaço de ensino e aprendizagem para a história: o museu Ernesto Bertoldi como proposta**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA. Maringá: 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHICARELI, Larissa Salgado. **Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem**. In: Revista Confluências Culturais. v.3, n.2. Joinville: Univille, 2014.

COSTA, Carina Martins. **Uma casa e seus segredos: a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio**. In: Revista Mosaico. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2009.

FELÍCIO, H. M. dos S.; OLIVEIRA, R. A. de. **A formação prática de professores no estágio curricular**. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.

MENESES, Ulpiano T.B. **A exposição Museológica e o conhecimento histórico**. In: Museus- do Gabinete de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

NORA, P. **Mémoire et Histoire - la problematique des lieux. Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Denise Pereira:** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-455-9



9 788572 474559